

## **CECA:**

**ESSÊNCIA DO QUE FAZ:** formação e articulação que estimule, via educação não formal, o desenvolvimento de consciências críticas diante das múltiplas formas de desigualdade e opressão

**MISSÃO:** contribuir para a transformação social e para a construção de uma sociedade democrática (justa e participativa), numa perspectiva ecumênica

## **9º CEPP:**

### **OBJETIVOS:**

- analisar a atual conjuntura econômica, política e religiosa.
- analisar os atuais modelos de desenvolvimento e identificar os princípios que apontam para formas sustentáveis de desenvolvimento.
- ser um espaço de motivação para a Campanha da Fraternidade Ecumênica de 2010 (Economia e Vida – Vocês não podem servir a Deus e ao dinheiro – Mt 6,24)
- despertar lideranças para a atuação ecumênica

**NOSSO TEMA: DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NA TRILHA DA ESPERANÇA (ABORDAGEM TEOLÓGICA)**

### **EIXOS TRANSVERSAIS:**

- Meio Ambiente
- Políticas Públicas
- Participação Cidadã

**QUESTÃO DE PROVOCAÇÃO: SEREMOS CAPAZES DE GARANTIR A SOBREVIVÊNCIA DO PLANETA?**

- século XIX: advento da sociedade industrial; surge um outro modo de se produzir a existência humana, que é o modo de produção capitalista

- o capitalismo é diferente de tudo o que lhe antecedeu, em termos de modos de produção da existência humana: do comunal primitivo, do escravagismo, do asiático (impérios antigos), do feudalismo, do mercantilismo, até mesmo do liberalismo (que se equivale ao mesmo apenas no que concerne à livre concorrência) etc, e difere diametralmente do socialismo

Modo de produção	Características básicas
Comunal primitivo	<ul style="list-style-type: none"> <li>- primeiro da história humana</li> <li>- fim do nomadismo; plantação, caça</li> <li>- uso coletivo dos meios de produção (famílias, tribos; cooperativismo)</li> </ul>
Escravidão	<ul style="list-style-type: none"> <li>- aparece a propriedade privada</li> <li>- senhores da terra proprietários dos escravos, inclusive</li> <li>- relações de domínio e de sujeição (forçada, até)</li> </ul>
Asiático (impérios antigos)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Estado forte</li> <li>- todos os bens pertenciam a esse Estado</li> <li>- figura forte do imperador ou rei</li> </ul>
Feudalismo	<ul style="list-style-type: none"> <li>- relações de senhorio e servidão (servos tinham direito a cultivar um pedaço da terra, para si e sua família)</li> <li>- servos trabalham e pagam impostos para os senhores</li> <li>- independência política dos feudos</li> </ul>
Mercantilismo	<ul style="list-style-type: none"> <li>- ligado ao período dos metais (metalismo)</li> <li>- surgimento das cidades e da burguesia, bem como do Estado como mais ou menos o conhecemos hoje</li> <li>- intensificação do comércio (regime de trocas)</li> </ul>
Liberalismo	<ul style="list-style-type: none"> <li>- auto-iniciativa (um “egoísmo positivo”), <i>laissez-faire</i></li> <li>- crença no mercado como regulador das relações (oferta e procura geram o equilíbrio)</li> <li>- Estado deve se preocupar apenas com serviços básicos</li> </ul>
Capitalismo	<ul style="list-style-type: none"> <li>- relação de mais valia (capitalistas e assalariados / donos e não donos dos meios de produção)</li> <li>- trabalho (social médio) excedente gera a mais valia e o capital</li> <li>- acumulação e destruição (como características imanentes)</li> </ul>
Socialismo	<ul style="list-style-type: none"> <li>- trabalhadores trabalham para si mesmos (propriedade coletiva dos meios de produção)</li> <li>- não há salário, nem lucro; todos participam dos frutos do trabalho</li> <li>- Estado operário; não unanimidade quanto à presença ou não do estado regulando as relações</li> </ul>

- o capitalismo ainda é o modo de produção da existência humana vigente nos dias de hoje, e, portanto, precisa ser bem compreendido, antes de compreendermos os processos atuais da sociedade, bem como o que a teologia têm a dizer sobre tudo isso

- a crise ecológica precisa ser abordada como crise do capitalismo, modo de produção cuja dinâmica se move na direção da acumulação infinita, quando os recursos naturais (de todo tipo) são finitos

Cuidar da casa é tarefa não só da ecologia, mas também da economia (e da política). Contudo, está fora da agenda da economia neoclássica (e da política neoliberal), a qual, hoje praticamente hegemônica, impõe globalmente o seu *credo in unum deum* em torno da auto-regulação do mercado. Mas o mercado se auto-regula? Não é o que informa o mundo real, como demonstrado em 2008, numa crise que não é financeira, mas do próprio modo de produção capitalista, repleto de mitos aparentes e de verdades escondidas, em seus complexos mecanismos. Revelá-las é papel da reflexão científica, seja econômica e política, seja teológica, em vista de uma demitologização da fé no “deus-capital”, e da proposição de alternativas (inclusive ecológicas) já atuais para um outro mundo possível, como a partir, principalmente, da categoria do Reino de Deus.

**CRISTANDADE (MEDIEVALIDADE)  
FÉ / IGREJA**

**MODERNIDADE (1ª e 2ª ILUSTRAÇÕES)  
RAZÃO / ESTADO**

**PÓS-MODERNIDADE (3ª ILUSTRAÇÃO)  
EMOÇÃO / INDIVÍDUO**

Sébastien Charles explica resumidamente os três princípios que estão no centro das preocupações atuais, os quais fundamentam a hipermodernidade, e não foram deslegitimados pela pós-modernidade: a valorização do indivíduo e da “democracia liberal”, com base num pacto social firmado sobre os direitos civis, e combinando liberdade individual e segurança coletiva; a promoção do mercado como um sistema regulador econômico que contribui para a paz entre as nações e a riqueza individual e coletiva; e o desenvolvimento técnico-científico, concebido como remédio para o trabalho difícil dos homens e como garantia da saúde da humanidade. Um tanto otimista quanto à significação de cada um dos princípios, mas bastante fiel à mentalidade que move a sociedade atual.

FREI SUSIN: *Sustentabilidade* tem a ver com desenvolvimento e progresso, o grande mito da Modernidade, e com suas aporias e ambigüidades. “Desenvolvimento sustentável”, segundo o relatório “Nosso Futuro Comum”, indica um desenvolvimento: 1. ecologicamente correto, 2. economicamente viável, 3. socialmente justo e 4. culturalmente aceito. A “sustentabilidade” implica, portanto, uma complexidade de fatores sem os quais é impossível “salvar o planeta”.

“Ética” (“responsabilidades”) de mero *marketing*, que além de não favorecer efetivamente a plena solidariedade, contribui para a manutenção do *status quo* vigente, tal como se dá em práticas assistencialistas.

Será que vige verdadeiramente, por exemplo, uma nova consciência ecológica nos grandes atores da economia capitalista?  
ATENTAR PARA OS GRANDES ATORES (cf. Braudel),  
RESPONSÁVEIS PELO GROSSO TANTO DA ACUMULAÇÃO,  
COMO DA DEGRADAÇÃO.

ECOSON: o economista chileno Manfred Max-Neef criou um interessante conceito para medir a resistência do planeta à manipulação antrópica (pela ação do homem), expressa em termos de energia per capita: o “*ecoson*”, ou “*ecological person*”. E, desmistificando a idéia de que os países mais pobres, por serem os mais populosos, seriam os mais poluidores, apresenta o dado de que um habitante médio norte-americano consome 35 vezes mais *ecosons* que um habitante médio indiano.

É possível afirmar que há uma crise ecológica sem precedentes, sendo que os dados nesse sentido são bastante conhecidos, já que constituem objeto de muitos estudos. Uma simples pesquisa na Internet permite constatações alarmantes sobre o atual quadro de degradação ambiental e as conseqüentes – embora indesejáveis – mudanças nos fatores da natureza, como o clima (aquecimento global), a água (poluição e escassez), o ar (poluição e doenças), o solo (poluição e desertificação) etc.

Henry David Thoreau,  
que amava muito a natureza, escreveu:  
“Se um homem resolver viver nas matas  
para gozar o mistério da vida selvagem,  
será considerado uma pessoa estranha  
ou talvez louca.

Se, ao contrário, se puser a cortar as  
árvores para transformá-las em dinheiro  
(muito embora vá deixando a desolação  
por onde passe), será tido como um  
homem trabalhador e responsável”.

- Klaus Raupp - Bacharel em Direito pela UFSC e Bacharel em Administração pela ESAG/UDESC. Advogado. Coursou as disciplinas das áreas de teologia bíblica e sistemática no ITESC. Mestre em Teologia pela PUCRS (área de concentração: teologia sistemática), com orientação do Prof. Dr. Luiz Carlos Susin. Professor convidado do ITESC. Professor do Curso de Graduação em Ciências Religiosas da PUCPR, em Florianópolis (SC). Graduando em Economia pela UFSC.